

SEGUNDO CADERNO

O velho caos de Gerald Thomas

'Throats', que estreou anteontem em Londres, reproduz o característico turbilhão de ideias do diretor brasileiro

Fernando Duarte

Correspondente • LONDRES

Ninguém realmente esperava que Gerald Thomas fosse voltar de seu período sabático, ou de suposta aposentadoria, como anunciou em setembro de 2009, um homem mudado. Sobretudo depois de tantos anos ignorando solenemente a opinião alheia. Ainda assim, sua volta ao ofício traz uma experiência de surrealismo dessa vez não restrita ao palco: "Throats", seu mais novo espetáculo, estreou anteontem longe tanto da geografia física quanto mental mesmo da cena mais alternativa de Londres: o Pleasance, um teatro independente localizado num beco de Islington, bairro do norte da capital britânica, e que há 14 anos já nasceu na corda-bamba financeira por não fazer parte da lista de estabelecimentos que recebem subsídios do governo.

Cenário alude ao 11 de Setembro

O dramaturgo brasileiro voltou à capital britânica — onde iniciou carreira, nos anos 70, com o grupo performático e multimídia Exploding Galaxy — despejando sobre um público de 280 pessoas mais um atropelamento de sentidos. Quase literalmente, pois "Throats", produção de 90 minutos, começa justamente com um diálogo gravado em que paciente e terapeuta fazem um exercício de imaginação envolvendo estradas perigosas e uma muralha. No palco, um cenário minimalista com fer-



O CRISTO judeu ortodoxo e negro, no palco do teatro Pleasance: primeira produção da nova Dry Opera Company, grupo criado por Thomas

ros retorcidos que faz bem em não apresentar muitas tentativas à atenção do público.

Pois a peça transpõe para o palco o inevitável turbilhão de ideias que é a cabeça de Thomas. Dessa vez, por sinal, há até a alegoria de uma cabeça pensante, incomodamente presente a uma Santa Ceia metafórica localizada ou numa espécie de purgatório ou no subconsciente

de um narrador de pretensões divinas e sádicas. O elenco de sete atores, que inclui a portuguesa Maria de Lima, suja-se de tinturas que simulam vinho e sangue enquanto se engaja num debate de temas que se alternam sem aviso e sem motivos. Da ceia, tendo como pano de fundo um horizonte que em muito lembra os escombros do World Trade Center (em seus

comentários, incluindo blogs, Thomas nunca escondeu o impacto de ter testemunhado o 11 de Setembro da janela de seu apartamento em Nova York), mas que gira para se transformar numa crucificação, com direito a judeu ortodoxo negro tomando o lugar de Jesus Cristo.

A trupe de atores, que em conversas após a apresentação admite a falta de familiaridade ini-

cial com o trabalho do brasileiro, esforça-se para merecer a confiança de Thomas — ele diz ter testado pelo menos 600 pessoas para formar sua Dry Opera Company. No elenco, cujas biografias incluem passagem por seriados policiais e de ficção científica da TV britânica, roubam a cena o escocês Angus Brown, no papel do que parece ser um dublê de mordomo e carcereiro, e Lucy

Laing, ainda que vista somente do pescoço para cima.

Tudo isso em meio a uma trilha sonora assinada por ninguém menos que John Paul Jones, músico mais conhecido pela pilotagem do baixo do Led Zeppelin, que assistia a tudo ao lado da mulher, Maureen. Jones é um admirador de longa data do dramaturgo, e trabalha para se transformar em parceiro no projeto de uma ópera com previsão de estreia para 2013.

Com a bênção de Philip Glass

Outros compatriotas mais desavisados pareceram estranhar a experiência no Pleasance. Um sinal foi o comentário, cheio de sorrisos, de uma das administradoras do teatro no coquetel pós-peça oferecido a atores e convidados, e que teve Thomas como uma das ausências.

— Queremos sempre fugir do óbvio aqui. Mas preciso confessar que não sei nem por onde começar a promover essa peça para o público. É um bom desafio — brincou a moça.

Pelo menos por enquanto, o Pleasance tem apostado no endosso do maestro Philip Glass, cuja entrevista sobre Thomas está em destaque no site do teatro (pleasance.co.uk). Há também vídeos das produções anteriores do dramaturgo, singelamente acompanhadas de avisos sobre palavrões e conteúdo explicitamente adulto, ainda que "Throats", em cartaz até 27 de março como parte de uma série de espetáculos batizados de "Uma noite menos ordinária", tenha idade recomendada de apenas 14 anos. ■

Livro reúne relatos de abandono das filhas na China

Mulheres que abriram mão de crianças do sexo feminino contam suas histórias na nova obra da jornalista Xinran

Miguel Conde

As histórias de mulheres chinesas reunidas pela jornalista Xinran nos seis livros lançados por ela desde 2003 são pequenas aberturas por onde se pode enxergar algo da vida cotidiana de um país que, apesar da liberalização econômica, continua a ser de várias maneiras uma sociedade fechada. Seu novo livro, "Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida" (Companhia das Letras, tradução de Caroline Chang) traz relatos de mulheres que abandonaram suas filhas bebês, ou viram outras mães matarem as suas, práticas que segundo a autora se repetem por várias regiões do país — por razões que vão de costumes tradicionais à Lei do Filho Único. Xinran, que esteve no Brasil em 2009 como convidada da Flip, conversou com o GLOBO sobre o livro.



XINRAN revive a sua própria história no livro "Mensagem de uma mãe chinesa desconhecida" (no detalhe)

O GLOBO: A senhora comenta no livro que demorou a resolver contar essas histórias, porque elas lhe afetavam particularmente. Poderia falar sobre isso?

XINRAN: Esse é um livro que penso em escrever desde quando trabalhava no meu primeiro, "As boas mulheres da China" (Companhia das Letras, 2003), mas da primeira vez que tentei me dei conta de que não conseguia. Em parte, isso deveu-se à minha história pessoal. Faço 53 anos este ano, e nunca passei um aniversário com minha mãe, que ainda está viva. Quando eu ainda era um bebê de 30 dias, ela me mandou para ser cria-

da por meus avós. Isso é algo muito doloroso para mim. Sou sua filha, ela me deu vida, mas nunca pôde me dar tempo nem amor.

Como a senhora se sentiu ao ouvir as primeiras histórias sobre mães que haviam abandonado ou matado suas filhas?
Da primeira vez, lembro que foi um choque. Conforme eu percorria diferentes regiões, percebi que esse era um costume que se repetia por todo o país. Eu me sentia inútil, incapaz de impedir esses assassinatos. Depois que comecei a publicar meus livros, e que eles foram traduzidos em dezenas de países, co-

nheci muitas meninas chinesas que haviam sido adotadas por famílias estrangeiras. Em 2006, foi divulgado que eram 130 mil nessa situação. Quando essas meninas falavam comigo, sempre me perguntavam a mesma coisa: "Por que minha mãe chinesa não me quis?" Sempre que olhava nos olhos delas, via um buraco. E pensava que essas meninas, algumas já crescidas, algum dia também seriam mães. Pensei que um livro contando essas histórias, de mães que rejeitaram suas filhas, poderia ser importante para elas, como também foi para mim. Foi difícil escrever o livro, mas fico feliz que ele tenha sido publicado.

Foi difícil convencer as mães a contarem suas histórias?

XINRAN: Depende de quem eram. No campo, principalmente, as pessoas falavam disso como algo normal. Era como fazer um comentário sobre as galinhas, um cachorro, o moinho. As pessoas nas cidades, por outro lado, pareciam sentir muito mais dor. A educação, eu acho, faz com que as pessoas sintam mais profundamente a dor por um ato desses. E havia casos como o de uma camponesa que matou suas duas filhinhas. Eu a conheci no campo, e depois ela se mudou para a cidade em busca de trabalho. Da primeira vez em que

conversamos, ela me contou sua história num tom casual, como se não fosse algo que devesse provocar qualquer reação emocional particular. Depois, no entanto, quando ela estava na cidade, seu sofrimento foi como que despertado. Ao ver como as crianças levavam uma vida diferente nas cidades, como eram as relações delas com os pais, ela começou a se questionar.

A senhora menciona vários motivos para esses assassinatos e abandonos, como a Lei do Filho Único e costumes tradicionais. Mas seria possível dizer que a principal razão é a desvalorização das mulheres?

É mais complicado do que isso. Nas grandes cidades chinesas, as mulheres são reconhecidas e respeitadas, muito mais do que em vários países. Mas a China hoje passa por um momento histórico, e há um grande fosso entre o campo e a cidade. Nas áreas rurais, de fato, você encontra mulheres que sequer imaginam que possam ter os mesmos direitos de um homem, que possam por exemplo comer o mesmo que o marido.

A senhora menciona que o governo proibiu a discriminação contra bebês de sexo feminino, mas a lei é ignorada. O governo não poderia fazer mais, uma campanha, por exemplo?

A China está passando por uma revolução, elevando seus índices de educação, mas ainda é muito difícil para o governo fazer com que as pessoas aceitem suas ideias.

Quando foram instituídas aulas de educação sexual nas escolas, em 2002, muitos pais protestaram. Mesmo jovens bem educados não têm informações sobre métodos contraceptivos. Há muitos abortos na China, se você viaja pelo país vê vários

anúncios de clínicas à beira da estrada. Durante as Olimpíadas, todos os taxistas receberam um cartão de orientações do governo, com instruções como "escove seus dentes pela manhã", ou "tome banho todos os dias". Muitos taxistas vinham do interior e não tinham o hábito de fazer essas coisas. A China é um país muito grande, e em algumas regiões as pessoas sequer sabem quem está no poder.

A senhora criou uma organização para ajudar crianças chinesas adotadas por famílias de outros países. Qual a principal demanda delas?

Conhecer as mães. Mas é muito difícil. Não temos acesso aos registros, e os orfanatos jogam fora as roupas com que a criança é entregue e quaisquer outros objetos que poderiam servir de pista. Até hoje, conseguimos identificar a mãe em menos de 2% dos casos. ■